

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ANTIRRASCITA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Jean Pierr de Sousa Viana Figueiredo¹

Betania Oliveira Barroso²

Resumo

O presente estudo apresenta uma reflexão sobre questões relacionadas à desvalorização da cultura ancestral africana. Para essa discussão elaboramos o tema “A importância da educação antirracista e as relações étnico-raciais no contexto educacional”. Nosso esforço reflexivo, consiste em compreender as causas que provocaram, em grande número de nossos educandos, uma certa rejeição a cultura africana e afrobrasileira, considerando que esse afastamento pode ser identificado quando os alunos se manifestam em atividades práticas, como seminário, palestras e outros eventos, que trazem a abordagem dessa temática. Assim, temos por objetivo contribuir com o autorreconhecimento racial desses sujeitos através de metodologias que provoquem a reflexão crítica necessária para compreender tanto o processo histórico quanto os preconceitos derivados dos estudos e trabalhos alicerçados na concepção eurocêntrica. Ainda, nossas reflexões serão embasadas nos estudos desenvolvidos por autoras (es) com: Paulo Freire (1987;2001), Kabengele Munanga (2005), de Bell Hooks (2013), dentre outros, que discutem os temas relacionados a emancipação humana e ao racismo. Trabalharemos com a metodologia qualitativa de investigação que será desenvolvido com a pesquisa-ação, também, utilizando ferramentas metodológicas com os Indicadores de Qualidade na Educação (Indiques). Esperamos como resultado, primeiramente, provocar reflexões sobre a valorização da cultura africana e afrobrasileira que culminará no processo de pertencimento e autorreconhecimento racial. Além disso, a perspectiva é produzir um material paradidático que possa contribuir para a valorização e emancipação dos sujeitos em formação, bem como, ser trabalhado com os alunos da escola pesquisada e demais escolas que desejem discutir a temática.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Relações Étnico-raciais. Autoreconhecimento.

Introdução

A escola pode ser considerada um espaço-chave para a redução das desigualdades raciais diante das conquistas alcançadas no tocante às relações étnico-raciais com a aprovação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana nas escolas das redes públicas e privadas. Essa iniciativa abrange as escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, configurando uma política curricular capaz de produzir reflexões críticas sobre o eurocentrismo dos currículos que, historicamente, apresentam o povo negro em

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Lattes <<https://lattes.cnpq.br/9537824283784264>>, Orcid <<https://orcid.org/0009-0005-4656-5538>>. E-mail: svfigueiredo50@gmail.com

²Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação (PPGE) da Universidade de Brasília (UNB). Professora do quadro permanente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus/Imperatriz. Lattes <<http://lattes.cnpq.br/2424166976246375>>. Orcid <<https://orcid.org/0000-0003-2205-1477>>. Email: betania.barroso@ufma.br

posição de subalternidade. Retirando desse recorte social a possibilidade de ascensão em vários contextos da sociedade, por exemplo, o trabalho intelectual e a arte. .

Mas, os conflitos e a discriminação ultrapassam barreiras e atuam também nos espaços escolares através dos livros que apresentam o negro como mera ilustração, reforçando o estereótipo do negro escravizado. Nesse sentido, é nosso dever enquanto educadores encontrar estratégias para apresenta aos educandos no sentido de subverter a lógica branca-eurocêntrica através dos livros e materiais pedagógicos. Ou seja, essas ações contribuem para desenvolver a dialogicidade numa perspectiva crítica, respeitando aos sujeitos e as suas culturas conforme podemos identificar na formação do povo brasileiro, composto por negros e indígenas, dentre outros povos que possuem modos de ser e viver próprios. Segundo Paulo Freire:

O diálogo crítico é libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação. Não um diálogo às escâncaras, que provoca a fúria e a repressão do opressor. [...] Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens na sua vocação ontológica e história de Ser Mais. A reflexão e a ação se impõem quando não se pretende erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem (Freire, 1987, n.p.³).

Portanto, é nesse processo da aprendizagem e transformação da realidade que os modelos educacionais progressistas (Educação Popular e a Educação Antirracista) oriundos da luta popular das massas e dos movimentos sociais guiam nossa atividades. À vista disso, merece destaque o Movimento Negro que de acordo com Nilma Lino Gomes (2019, n.p.) “trouxe investimento intelectual, político e de vida durante a trajetória tensa e de persistência construída pelos seus militantes”. No sentido de contribuir com os sujeito e os movimentos sociais, igualmente, com a educação estamos desenvolvendo no Programa de Pós-graduação em Educação e Práticas Educativas da Universidade Federal do Maranhão um projeto com o tema: Educação Popular: Ensino, Cultura Africana e Afrobrasileira no Ensino Médio, em uma escola da rede pública de Imperatriz no Estado do Maranhão.

Nossa pesquisa resulta do incomodo em perceber que boa parte das atividades trabalhadas nas escolas de Imperatriz referentes as relações étnico-raciais são discussões que atendem as comemorações prescritas no calendário oficial, por exemplo, as reflexões sobre o racismo no mês de novembro. Assim, estamos nos iniciando a pesquisa, porém já temos um panorama da situação em trabalhos desenvolvidos em parceria com Coordenação da Educação

³De acordo com a ABNT NBR 6023 no item 8.7.6: No caso dos livros digitais que não possuem paginação deve ser indicado: não paginado (n.p.). Disponível em:<<https://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivos/Upload/5823/material/NBR6023.pdf>>. Acessado em: 30/10/2025.

da Igualdade Racial de Imperatriz (CEIRI), que abrange as escolas estaduais geridas pela Unidade Regional de Educação de Imperatriz (UREI). Também, nas ações desenvolvidas pela Ong Ação Educativa que trabalhou os Indicadores de Qualidade da Educação – Relações Étnico Raciais na Escola, em Imperatriz.

A CEIRI é uma coordenação que atua de maneira constante as temáticas relacionadas a valorização da cultura negra do mesmo modo a Ong Ação Educativa, dentro dessa parceria tivemos como resultado o mapa da presença negra e indígena em Imperatriz. Compreendemos que o conjunto de práticas antirracista é o caminho para a superação do racismo estrutural que se instalou também nos espaços escolares. O projeto está delineado com base nos problemas que norteiam a pesquisa, quais sejam: 1) quais os possíveis impactos que podemos verificar na vivência dos educandos desenvolvendo ações e atividades de viés antirracista? 2) os modelos educacionais progressistas com a Educação Antirracista e Educação Popular despertam nos educandos o olhar crítico e reflexivo perante as atitudes racistas na escola? 3) a produção de material pedagógico, paradidático, contribui com a práxis metodológica e educativa dos estudantes para desnaturalização do racismo?

Assim sendo, a fim de responder os questionamentos apresentados desejamos contribuir, com base nos modelos progressista, no processo de encorajamento dos estudantes numa perspectiva reflexiva sobre a própria identidade e ancestralidade negra. Especificamente, iremos: a) discutir, a partir da intervenção com o Círculo de Cultura, o processo de encorajamento e reconhecimento da identidade negra dos educandos; b) caracterizar as ações que revelam atos racista para além do espaço escolar, traçando estratégias de combate as agressões; c) construir material paradidático em conjunto com os educandos a partir das discussões e reflexões realizadas nos Círculos de Cultura e, d) demonstrar, através da construção de material paradidático, a contribuição do trabalho interventivo referente ao autorreconhecimento da identidade racial do sujeitos envolvidos na pesquisa.

Os questionamento apresentados se justificam ao refletirmos sobre a importância de tornar a educação antirracista, em sua amplitude, um componente curricular no cotidiano da sala de aula, ainda, torná-la um compromisso do educador. Na obra *Ensinando a Transgredir* de Bell Hooks (2013), fica evidenciado a importância do comprometimento do educador para preparar o educandos para o enfrentamento dessa realidade. A autora descreve o seguinte:

[...] Desde a infância, eu acreditava que iria lecionar e escrever. O escrever seria o trabalho sério e o lecionar o “emprego” não tão sério de que eu precisava para ganhar a vida. [...] Para os negros, o lecionar, o educar, era fundamentalmente político, pois tinha raízes na luta antirracista. Com efeito nas escolas de ensino fundamental,

frequentadas somente por negro, que eu tive a experiência do aprendizado como revolução. Quase todos os professores da escola Booker T. Washington eram mulheres negras. O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural, negros que usavam a cabeça (Hooks, 2013, p.10)

Nosso esforço epistêmico e metodológico vai de encontro a esse entendimento do nosso papel como facilitadores do conhecimento, pessoas que atuam para a desconstrução de opressões que historicamente foram naturalizadas. Associado ao pensamento de exposto por Bel Hooks os saberes freirianos são indispensáveis para o desenvolvimento e construção do tendo em consideração a premissa educacional de valorização das vivências, saberes e o papel do sujeito como ser parte intrínseca ao mundo. Reafirmando que, a partir desse movimento de reflexão crítica de desnaturalização e subversão da lógica educacional eurocêntrica, que vemos a relevância do projeto hora apresentado, assim, enquanto produção acadêmica a pesquisa assume o dever de combater o racismo

Referencial Teórico

Nos propomos a discutir e trabalhar as relações étnico-raciais por acreditar que deve ser consenso que essa temática é pertencente ao cotidiano social, especialmente, ao espaço escolar em todas as fases do processo de ensino e aprendizagem. Não podemos ser ingênuos apesar dos avanços no contexto educacional, temos desafios a superar concernentes marcas históricas que resultou nas desigualdades e supressão da identidade negra. Segundo a professora Renísia Cristina Garcia (2007, p.36) na obra *Identidade fragmentada*: “conhecer a história de educação do negro significa, dentre outras coisas, a necessidade de adentrar esses diferentes tipos de escolarização e educação como espaço de construção da cidadania”.

Portanto, conhecer a constituição humana dos sujeitos é uma forma de adentrar o universo vocabular e a significação dos códigos necessários para estabelecer uma comunicação inteligível com os educandos. Diante dessas proposições nossas atividades estão ancoradas nas reflexões de Paulo Freire com *a Pedagogia do Oprimido* (1987), *Política e Educação* (2001). Igualmente, utilizaremos as discussões e reflexões apresentadas na obra *O Movimento Negro Educador* (Gomes, 2019) que destaca a importância do Movimento Negro como educador e produtor dos saberes emancipatórios que sistematizaram os conhecimentos sobre as reflexões das relações étnico-raciais no Brasil.

Também, compondo nosso arcabouço teórico traremos contribuições de Garcia (2007), Kabengele Munanga (2005), Bell Hooks (2013), bem como, de outros autores. Conforme o exposto, nosso aporte teórico é basilar para a confecção do material paradidático que poderá ser

trabalhado em parceria com livro didático oficial, grifando que, o diálogo e a práxis reflexiva são fundantes para solucionar as situações-problemas-desafios na conjuntura sociocultural de luta no combate ao racismo.

Metodologia

Destacamos que, trabalharemos com a metodologia qualitativa de investigação, considerando que nossa pesquisa visa o encorajamento e o valorização das relações étnico-raciais. Também, com a pesquisa-ação método interventivo e interessado no conhecimento prático e não, somente, no conhecimento teórico. Dessa maneira, nos propomos a trabalhar as concepções e ferramentas pedagógicas de Paulo Freire, como o Círculo de Cultura e a Palavra Geradora, para a compreensão do universo de vivências dos educandos. Ainda, faremos uso de ferramentas pedagógicas, como os Indicadores da Qualidade na Educação (Indiques), que positivam a participação do povo negro na construção da identidade formadora do povo brasileiro. Os Indiques trabalham diferentes dimensões do contexto educacional que visam, identificar e aprimorar, aspectos como o acolhimento e diálogo entre os diferentes sujeitos sociais no processo de caracterização dos principais desafios nas relações do ambiente escolar.

Igualmente, no território, quais sejam: movimento negro, universidade, órgãos públicos, dentre outros, além disso, fazem o levantamento das características socioeducacionais. Ainda, será importante para o desenvolvimento das atividades de pesquisa, considerando que trabalharemos com alunos do primeiro ano do Ensino Médio, documentos como: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Termo de Assentamento Livre e Esclarecido (TALE), Termo de Anuência da Instituição (onde a pesquisa será desenvolvida) e os instrumentos de coleta de dados que podem ser questionários semiestruturados e diário de campo. É nosso objetivo fazer uso das tecnologias para apresentar pequenos documentários, filmes, matérias e imagens que contribuam para o exercício de reflexão dos educandos.

Resultados e Discussões

Nossas reflexões durante o desenvolvimento do trabalho de intervenção no qual estamos apresentando fazer visa desconstruir estereótipos massificados no dia a dia dos estudantes como podemos observar em filmes, novelas e outras fontes de informação que, ainda, trazem a representação negra como sujeito a margem da sociedade ou violento, entendemos que essa ação reiterada colabora com a desumanização da raça negra. Nesse sentido, vamos apresentar aos educandos obras, imagens, música e arte em geral, despertando nesses sujeitos a reflexão crítica necessária para desnaturalizar narrativas que negam a importância e contribuição do

Povo Negro para a cultura brasileira. Melhor dizendo, serão encorajados a assumir com orgulho sua identidade negra, ainda, contribuiram com propostas para a construção de atividades que valorizam a Cultura Africana e Afrobrasileira.

É nesse cenário que a produção material do paradidático irá contribuir ao apresentar estratégias metodológicas, caminhos e/ou alternativas, para a promoção da educação antirracista e emancipadora visando o fortalecimento das relações étnico-raciais. Compreendemos que a partir das leituras que fundamentam nosso trabalho e das técnicas de identificação do problema (Indiques) em discussão, teremos subsídios que favoreceram a elaboração do produto paradidático mencionado. O material será trabalhado com os próprios alunos da escola pesquisada e outras possíveis escolas da cidade de Imperatriz. De acordo com Kabengele Munanga (2005):

A desconstrução da ideologia abre a possibilidade do reconhecimento e aceitação dos valores culturais próprios, bom como, a sua aceitação por indivíduos e grupos sociais pertencentes a outras raças/etnias/, facilitando as trocas interculturais na escola e na sociedade. Corrigir o estigma da desigualdade atribuído às diferenças constitui-se em tarefa de todos e já são numerosos os que contribuem atingir esse objetivo. (Munanga, 2005, p.33).

Essa percepção de desconstrução da ideologia dominante é que nos move enquanto educadores que acreditam na possibilidade de resignificação do livro didático oficial. Assim, almejamos que nossa contribuição seja geradora de consciência reflexiva e crítica, conforme Munanga temos muitos educadores comprometidos com a educação antirracista no sentido de encerrar, em definitivo, com as marcas impressas em nossa sociedade pelo pensamento eurocêntrico que criou uma estrutura de opressão e apagamento da Cultura Africana e Afrobrasileira.

Considerações Finais

Reafirmamos que a presença do Movimento Negro foi fundamental e cumpriu a missão de recontar a história do negro, evidentemente, sob a ótica da verdade que durante décadas foi narrada de forma mascarada, através das produções intelectuais, visuais e audiovisuais produzidos pelo colonizador europeu. O movimento assumiu o papel de educador pela experiência adquirida durante a reivindicação da educação para os negros fazendo uso de manifestos, do teatro, da música e da ação ordenada junto aos órgãos de ensino. Nosso esforço teórico e metodológico se concentra, também, no fortalecimento do que estabelece a Lei 10.639/03, no tocante ao ensino obrigatório de História e Cultura Afrobrasileira e Indígena no currículo oficial das redes de ensino.

Nesse contexto, as experiências em oficinas, seminários e formação de professores (as), provocou a discussão que apresentamos nesse trabalho, também, o desejo de contribuir de maneira mais enfática com o encerramento do ciclo de opressões que, há décadas, conduzem as diretrizes de ascensão em todos os setores da sociedade a partir do recorte raça/cor. Prática que gerou o pagamento das contribuições e vivências do Povo Negro na cultura brasileira. Comprendemos que a pesquisa apresentada, ainda em andamento, será mais um instrumento de combate e fortalecimento da Educação e das Relações Étnico-raciais promovendo a dignidade humana da cultura e ancestralidade negra.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. 17ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2019.

GOMES, Renísia Cristina. **Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Editora SECAD, 2005.

Links Acessados

ABNT – **Associação Brasileira de normas técnicas** – NBR 6023. Disponível em: <<https://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5823/material/NBR6023.pdf>>. Acessado em: 30/11/2025.

Ação Educativa. **Indicadores da Qualidade na Educação**. Relações raciais na escola: Imperatriz, Maranhão. Disponível em: <<https://acaoeducativa.org.br/publicacoes/indicadores-da-qualidade-na-educacao-relacoes-raciais-na-escola-de-imperatriz-ma/>>. Acessado em: 30/11/2025.

BRASIL, **Lei 10.639**, de 10 de janeiro de 2003: Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF. Presidência da República. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639htm>.